

#cm
2

QUINTA-FEIRA

U2

dá pistas do novo álbum



Depois de lançar dois EPs em tom soturno em fevereiro e março, **a maior banda do planeta** está finalizando o **primeiro álbum de inéditas desde 2017**. O tom celebrativo dará as cartas do lançamento, pelo que se viu **no single e clipe de “Street of Dream”**, a primeira faixa do novo trabalho a se tornar pública. **Pág. 2**

Uma nova safra de canções

U2 trabalha na finalização do primeiro álbum de inéditas desde 2017



AFFONSO NUNES

Depois de surpreender o público com o lançamento de dois EPs este ano, o U2 retorna ao estúdio para finalizar seu primeiro álbum de estúdio em nove anos.

Enquanto a banda trabalha nos últimos detalhes do novo álbum, previsto para novembro, a banda irlandesa começa a revelar o tom e a direção do projeto, oferecendo pistas sobre o que esperar de um dos lançamentos mais aguardados do ano. E tudo começa com o lançamento do single e clipe da faixa “Street of Dream”, a primeira canção do novo álbum a vir ao mundo.

A nova faixa é celebrativa, com uma mensagem de otimismo - um apelo para que as pessoas não desistam de seus sonhos.

No clipe Bono, The Edge, Adam Clayton e Larry Mullen Jr. foram vistos circulando pela cidade em cima de um ônibus escolar totalmente grafitado pelo artista mexicano Chavis Mármol. A movimentação rapidamente tomou conta das ruas mexicanas e reuniu uma enorme multidão de fãs acompanhando as filmagens de perto. No topo do ônibus, os músicos fizeram uma apresentação surpresa interrompida pela chuva.

Bono tem sido a voz mais frequente a falar sobre o novo trabalho. Em fevereiro, quando a banda lançou o EP “Days of Ash”, o cantor deixou claro que aquele material não representava o tom do álbum principal. “Os conteúdos do álbum têm um humor e tema muito diferentes dos que escolhemos para o EP ‘Days of Ash’”, explicou. “Mais canções de celebração do que lamentação.”

Tal descrição ganhou contornos mais nítidos semanas depois, quando Bono caracterizou o álbum como “defiantly joyful” — uma expressão que marca um desvio deliberado em relação aos trabalhos anteriores, sugerindo uma postura desafiadora mas fundamentalmente otimista.

Em abril, quando a banda lançou o segundo EP do ano, “Easter Lily”, Bono

gravou uma mensagem de vídeo para a audiência descrevendo o trabalho em estúdio com linguagem mais crua: “Estamos no estúdio, ainda trabalhando para um álbum barulhento, confuso”. A declaração insinua uma tensão criativa deliberada — um interesse assumido por sonoridades mais brutas.

The Edge, guitarrista e co-produtor, ofereceu uma perspectiva técnica sobre o processo. Em entrevista a O Globo em novembro de 2024, descreveu a banda como estando em uma “fase lua de mel de experimentação”. “Acho que a guitarra vai desempenhar um papel significativo, mas não será um álbum de rock pesado”, explicou.

Adam Clayton, baixista, tem sido mais cauteloso nas declarações públicas, mas ofereceu informações relevantes. Em meados de 2025, avisou que a banda estava planejando “olhar para o material e decidir sobre a data de lançamento no início de 2026”. Mais recentemente, confirmou que o álbum está “praticamente pronto” e que o lançamento para o final de 2026 é o alvo.

O retorno de Larry Mullen Jr. à ba-

teria marca um momento significativo para o processo criativo. O baterista havia se afastado das atividades da banda a partir de 2023, quando se submeteu a uma cirurgia de pescoço necessária para sua saúde de longo prazo — resultado de danos acumulados em “cotovelos, joelhos e pescoço” após décadas tocando em turnês intensivas. Durante a residência “U2 Achtung Baby Live At Sphere” em Las Vegas (2023-2024), Larry não pôde participar das apresentações ao vivo, descansando enquanto a banda respeitava seu tempo de recuperação.

Em fevereiro de 2026, quando o U2 anunciou que estava trabalhando em um novo álbum de estúdio, confirmou que Larry havia retornado à bateria.

A quantidade de material em desenvolvimento é expressiva. Bono revelou que a banda tem mais de 25 músicas em andamento, das quais aproximadamente 25 estão sendo consideradas para projetos U2 nos próximos anos. Essa abundância criativa contrasta com o silêncio de nove anos desde “Songs of Experience” (2017).

Bono mencionou ainda que todos na banda parecem ansiosos pelo novo trabalho.

Com “Street of Dreams” já disponível desde julho e os esparsos comentários sobre o novo projeto, podemos especular que a banda não deseja ser encarada como guardiã de um legado, mas como uma força criativa em movimento.

Formado em Dublin em 1976, o U2 já percorreu o mundo em incontáveis turnês, lançou 15 álbuns de estúdio, vendeu 175 milhões de discos e conquistou inúmeros prêmios, incluindo 22 Grammys e o prêmio Embaixador da Consciência da Anistia Internacional. A banda foi incluída no Rock and Roll Hall of Fame em 2005 e recebeu duas indicações ao Oscar de Melhor Canção Original (em 2003, por “The Hands That Built America”, do filme “Gangues de Nova York”, e, em 2014, por “Ordinary Love”, de “Mandela: Long Walk to Freedom”). O décimo quarto álbum de estúdio do U2, “Songs Of Experience”, lançado como complemento de “Songs Of Innocence” (2014) — chegou às lojas em dezembro de 2017 e estreou em primeiro lugar na Billboard 200, tornando o U2 a única banda da história a alcançar o topo da parada em quatro décadas consecutivas.



Cena do clipe de “Street of Dream”, que mostra a banda numa apresentação surpresa na Cidade do México

O universo autoral de Mu Chebabi

Cantor, compositor e produtor leva ao Manouche seu show ‘Olha o Circo Chegando’

AFFONSO NUNES

Mu Chebabi chega ao Manouche nesta quinta-feira (9) com um espetáculo que passeia por suas crônicas musicais. “Olha o Circo Chegando” reúne composições criadas ao longo de uma trajetória que o consolidou como um dos nomes mais versáteis da música da nossa cena musical — o artista é compositor, cantor, instrumentista e produtor musical.

Mu selecionou um repertório que transita por temas diversos com humor, musicalidade e precisão, conduzindo o público por seu singular universo autoral ora lírico ora irônico.

A trajetória de Mu Chebabi na música é marcada por uma versatilidade que o levou a atuar em múltiplas frentes. Nos anos 1980, participou da banda Falange Canibal. Em 1988, atuou como guitarrista e diretor musical do show “Eu vou

Mu Chebabi tornou-se conhecido por compor as paródias do extinto humorístico ‘Casseta & Planeta’, da TV Globo



Divulgação

tirar você desse lugar”, realizado pelos humoristas da revista “Casseta Popular” no Jazzmania.

Esse trabalho o aproximou do

universo que o tornaria conhecido: em seguida, tornou-se produtor musical do programa “Casseta & Planeta Urgente” (TV Globo),

onde era responsável pela realização das paródias musicais e pela composição de várias faixas que marcaram a série de álbuns do programa.

Além do “Casseta & Planeta”, Mu trabalhou como produtor musical em diversos programas da Rede Globo — “Os Trapalhões”, “Garotas do Programa”, “Luana Lu”, “Levando a Vida”, “Correndo Atrás” e “Globo Ciência”. No Rock in Rio III, produziu e dirigiu a “Tenda por um Mundo Melhor”. Como compositor, criou canções que se tornaram referências — “Hoje Eu Quero Sair Só”, parceria com Lenine e Caxa Aragão, é uma de suas canções mais conhecidas.

No palco do Manouche, Mu será acompanhado pelos músicos Zé Mário (bateria), Lancaster (baixo) e Rodrigo Braga (teclados).

SERVIÇO

MU CHEBABI - OLHA O CIRCO CHEGANDO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
9/7, às 21h
Ingressos: R\$ 140 E R\$ 70 (meia e ingresso solidário mediante doação de 1kg de alimento não perecível ou livro)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Áurea Martins celebra saberes ancestrais

Áurea Martins apresenta nesta quinta (9), às 19h, no Espaço Cultural BNDES, o show de lançamento de seu aclamado álbum “Senhora das Folhas”, uma homenagem ao poder curador feminino presente nas tradições das rezadeiras e benzedadeiras. O repertório reúne benditos, cantos indígenas, cocos de roda e sambas celebra os saberes ancestrais, a espiritualidade e a força do sagrado feminino. Grátis.



Dan Coelho/Divulgação

A sofisticação da bossa em novos arranjos

O quinteto Em Tom Maior apresenta “A Fotografia da Bossa” na Blue Note Rio nesta quinta (9), às 20h. O show reúne composições de Tom Jobim, Roberto Menescal, Marcos Valle e Carlinhos Lyra. Formado por Fernando Carvalho (violão), Marcelo Lorio (voz e violoncelo), Sérgio Álvares (flauta), Eristom Gonçalves (baixo) e Edu Lissovsk (bateria), o grupo apresenta arranjos sofisticados dos mestres da bossa.



Divulgação

Um tributo aos tesouros do grunge rock

Assumidamente inspirada na sonoridade grunge, a banda Holster apresenta nesta quinta (9), às 19h, no Centro da Música Artur da Távola, show que resgata o som visceral do indie rock dos anos 1990 com releituras de Alice In Chains, Soundgarden, Pearl Jam, Nirvana, Stone Temple Pilots e Silverchair, bandas que colocaram a cinzena cidade de Seattle (EUA) no centro do mapa mundi da música.



Divulgação

Júlia Fialho de volta ao Beco das Garrafas

O Júlia Fialho Quarteto se apresenta no Bottel's Bar do Beco das Garrafas nesta quinta-feira (9), às 20h. O grupo, formado por Júlia Fialho (voz), Renan Francioni (piano), Renato Larsen (bateria) e Sara Roseback (baixo), traz releituras de clássicos da bossa nova e da MPB com destaque para suas versões de clássicos como “Desafinado”, “Lobo Bobo”, “O Pato” e “Falsa Baiana”.



Reprodução YouTube

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Lá se vai um ano desde que Reginaldo Faria lançou o álbum “Violão” (via Kuarup), assumindo em público um romance que mantém desde os 12 anos com o instrumento de cordas que é a sua terapia de uma vida inteira. Mais ou menos, nesse período, estreou na Globo o remake de “Vale Tudo”, uma das novelas que o celebrizaram - sobretudo por uma sequência em que dá uma banana para o Brasil. Em paralelo, seu rosto ganhou mundo... e chegou à Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood... numa breve aparição de seu maior êxito de bilheteria (no posto de ator), “Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia” (de 1977) na abertura de “O Agente Secreto”, numa citação de Kleber Mendonça Filho aos achados da segunda metade da década de 1970.

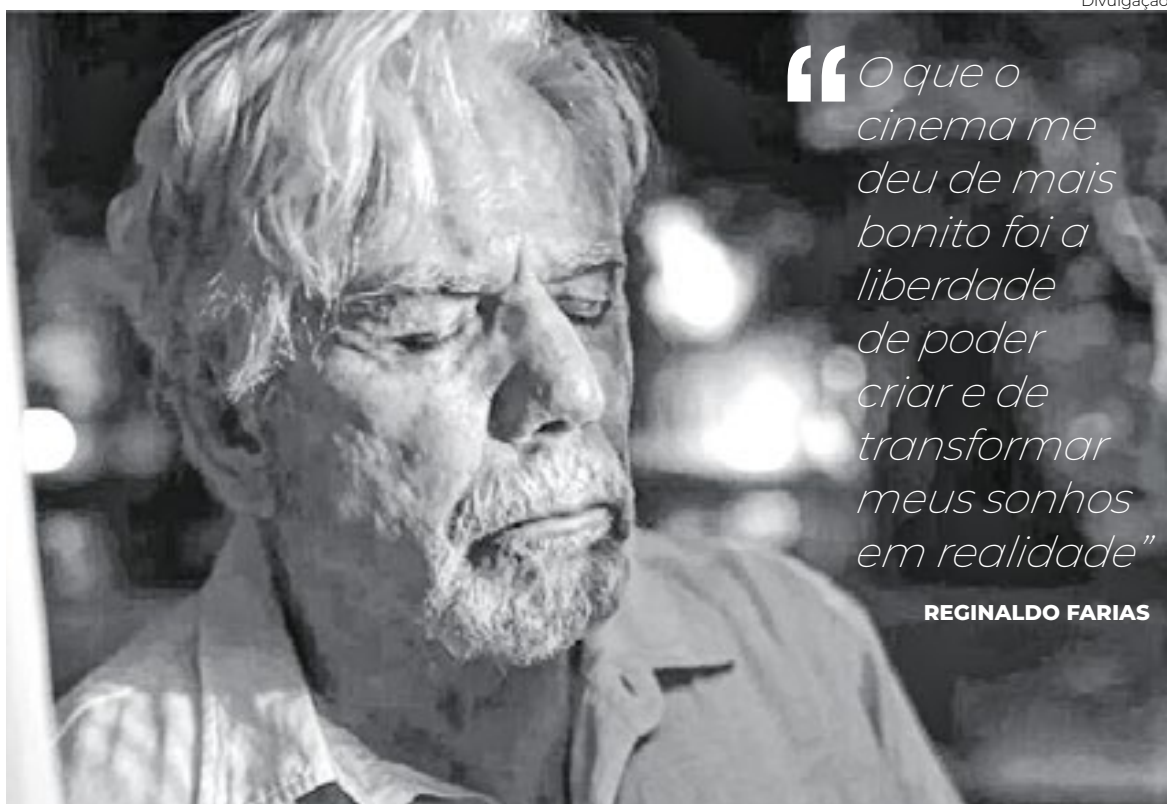
Nesse momento, cabeça de Reginaldo andava as voltas com dois outros filmes de peso, hoje ao nosso alcance. Em março, ele integrou uma quadrilha de cabeças grisalhas que dão apoio aos golpes de Fernanda Montenegro e Ary Fontoura no thriller “Velhos Bandidos”. Virou a maior bilheteria nacional de 2026, com cerca de 420 mil pagantes, e já está disponível em streaming, na Prime Video. Em maio, foi a vez de ser protagonista nas telonas, mais uma vez, assumindo o que talvez seja seu personagem mais complexo - desde o Marco Aurélio lá do supracitado folhetim da Globo, exibido em 1988 - no longa “Perto Do Sol É Mais Claro”.

Até ontem, a produção estava em circuito, demonstrando longevidade por conta da atuação luminosa de Reginaldo que, na tarde desta quinta-feira, tem um duplo compromisso com a Caixa Cultural, no Centro, na programação da retrospectiva da atriz Cristina Aché.

Dois longas dirigidos por Reginaldo passam no evento em tributo à atriz. Às 14h40 rola “Quem Tem Medo De Lobisomem?” (1975) e, às 16h35, passa “Aguenta Coração”, de 1983. Ao fim das projeções, ele engata um bate-papo com a homenageada, Cristina Aché, com a também atriz Fátima Freire e com o ator Osmar Prado.

“O que o cinema me deu de mais bonito foi a liberdade de poder criar e de transformar meus sonhos em realidade”, diz Reginaldo, ao relembrar seus feitos, aos 89 anos. “A primeira imagem que vi na telona foi a de Carlitos. Meu tio fazia exhibições dos filmes de Chaplin num Clube de minha cidade (Nova Friburgo) onde a garotada se dobrava de rir e de amá-lo”.

Com um currículo invejável, que vem lá de “Assalto Ao Trem Pagador” (1962), de seu irmão (o gênio Roberto Farias), Reginaldo fez história atuando e também dirigindo. A invenção da pornochanchada, um dos filões de maior receita de



“O que o cinema me deu de mais bonito foi a liberdade de poder criar e de transformar meus sonhos em realidade”

REGINALDO FARIAS

Perto da tela (grande), Reginaldo Faria é um sol

De volta ao protagonismo aos 89 anos, com CD na praça e sonho de dirigir de novo, o astro de ‘Lúcio Flávio’ tem parte de sua filmografia revivida em mostra sobre Cristina Aché na Caixa Cultural



Cartaz de ‘Aguenta Coração’



Cartaz de ‘Quem Tem Medo de Lobisomem?’

nosso cinema, é atribuída a ele, com o lançamento de “Os Paqueras” (1969), seu primeiro filme como realizador. Dirigiu oito longas, entre os quais o cult “Barra Pesada”, de 1977, e teve seu trabalho mais recente na função de cineasta, “O Carteiro” (2011), exibido na disputa oficial de prêmios de Gramado.

“Sonho fazer ‘Os Anjos da Cara

Suja’, inspirado nos filmes que via de James Cagney, em que ele era o herói bandido dos meninos dos guetos de New York, e nós, moleques, imitávamos sua delinquência. Escrevi um livro sobre esse tema que daria um bom filme”, orgulha-se Reginaldo.

Ele dirigiu e estrelou “Quem Tem Medo De Lobisomem?”, brincando com credices populares.

Na trama, Neto (Reginaldo) e Lula (Stepan Nercessian), dois céticos quanto ao sobrenatural, saem em busca de aventuras, pesquisando origens de lendas, como o Saci Pererê. Encontram Iracema (Camila Amado), noiva rejeitada. Instalam-se todos numa fazenda abandonada, onde ocorrem estranhos incidentes cujas causas são atribuídas

ao azar da moça. Os três caem nas garras de um caseiro, o Dr. Leão (Carlos Kroeber), pai de seis filhas, que seduzem, cada uma a seu modo, a dupla de protagonistas. Mas há um rapaz cercado de maus augúrios nesse enredo, Pedro (Zanoni Ferri-te). Ele é o sétimo filho de Leão. Segundo crenças, pode carregar a maldição da licantria, moléstia que converte gente em homens-lobo.

“Esse filme foi criado na década de setenta e, subjetivamente, nos remetia ao medo da época em que se vivia acuado”, lembra Reginaldo. “A ideia era apresentar dois jovens aprisionados passando por torturas psicológicas e tentando escapar. Mas a sedução, através das filhas de Don Leão, impedia os dois. Uma delas, a mais sedutora, era feita por Cristina Aché; outra, a seduzida, era feita por Camila Amado, que se deixa encantar pelo lobisomem. A ideia era, através da comédia, levar o público a pensar no regime em que vivíamos”.

Também se vê Reginaldo em “Aguenta Coração”. João, seu personagem, e Cleto (Jorge Botelho) trabalham juntos em uma imobiliária e, nas horas vagas, fazem filmes em 16mm. João é casado com Maria (Christiane Torloni), jovem estudante. Cleto é indiferente a Tutuca (Gilda Guilhon), cada vez mais preocupada com a frieza do marido. A eles vêm se juntar Ricardo (Osmar Prado), antigo colega de escola, machão, mimado, filho de fazendeiro, e Janete, sua esposa, vivida por Cristina Aché. Apesar dos conflitos conjugais e da violência urbana que constantemente invade suas rotinas, os três casais formam um grupo alegre. Um dia, João e Cleto documentam um crime e acabam, graças a essa coincidência, sendo contratados para trabalhar na televisão. A nova atividade vai criar problemas e abalar vidas conjugais.

“Esse é um filme que, naquela época, parecendo um prenúncio, retratou a violência gratuita e urbana em que, numa pequena discussão de trânsito, alguém puxou o reviver e atirou no outro. Trata também do machismo em detrimento das mulheres. A personagem de Cristina, tentando não se subjugar e procurando um novo relacionamento, aprisiona-se na culpa. Nada além do que se vê... e se repete, em escala gigantesca... nos dias de hoje”, diz Reginaldo, que arrancou elogios da crítica com “Perto Do Sol É Mais Claro”, de seu filho Regis Faria.

O mítico ator que ajudou o “Lúcio Flávio” de Hector Babenco (1946-2016) a vender 5,4 milhões de ingressos ilumina cinemas no papel de Rêgi, um engenheiro carioca de 85 anos que precisa reaprender a viver depois da morte da esposa. O cotidiano inicialmente marcado pelo luto ganha novos contornos graças ao apoio dos filhos, ao projeto de escrever um livro e ao inesperado surgimento de um novo amor. É uma atuação solar de um operário da arte que entrou no cinema para “ser pra sempre”, e segue a nos surpreender.

Neochanchada até a medula

Lorhan Toledo/Divulgação



‘Os Emergentes’ junta um elenco estelar para discutir luta de classes e apostas ilegais numa dinâmica das comédias que, a partir dos anos 2000, levaram o direito ao consumo às telas

Diferenças de classe social separam (e depois misturam) os casais de ‘Os Emergentes’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Num momento de bilheteria nacionais magérrimas, em que toda e qualquer comédia com potência para lotar telas é bem-vinda, “Os Emergentes” chega ao circuito com ares de iguaria chanchadeira e fôlego para cativar plateias. Tirado do papel graças ao empenho da atriz e produtora Jennifer Setti, o longa-metragem foi rodado pelo sino-carioca Hsu Chien Hsin (pronuncia-se Xú Xien Xí), de “Desapega” (2023), e teve suas locações centrais num casarão na Barra da Tijuca. As filmagens foram realizadas em 2025, com base num roteiro escrito pelos atores Paulo Reis e Regiana Antonini. O script e o arder de Jennifer (uma das protagonistas) atraíram astros e estrelas de peso para o elenco, encabeçado por Alexandra Richter, Nelson Freitas e Paulinho Serra.

“Produzir cinema no Brasil sem incentivo público é muito difícil, mas esse filme nasceu graças a parceiros e amigos que acreditaram na ideia”, diz Jennifer, um talento egresso de Campo Grande, na Zona Oeste, com a vivência cênica da trupe Tá Na Rua em seu currículo, que hoje transforma boas ideias em filmes (bons) a partir da In Setti Cultural, sua produtora. “O público vai encontrar muito humor, mas também vai sair da sala refletindo sobre as pessoas que muitas vezes

passam despercebidas no nosso cotidiano e sobre os perigos das falsas promessas de sucesso”.

Em “Os Emergentes”, sob a luz da direção de fotografia de Silvia Gangemi, existe espaço para amar (de novo e até para sempre) na figura do casal de aristocratas falidos Beatriz (Alexandra) e Henrique (Nelson). Após perderem tudo o que tinham, eles são forçados a aceitar empregos como mordomo e governanta na mansão de seus antigos empregados – agora milionários. Os ricos da vez são Letícia, mais conhecida como Pantera, e Inácio (vividos por Jennifer e um hilário Paulinho Serra), que enriqueceram com Quentinas. A Feijoada da Pantera é o signo da prosperidade de Letícia e seu companheiro, que passam a empregar a dupla que um dia eles trataram como chefes. Uma chefia bastante opressora.

Entre as figuras que cruzam com esses casais estão personagens vividos por Mônica Carvalho, Lucas Penteado, (um arrasador) Paulo Mathias Jr., Laura Proença, Junior Vieira, Catarina Dantas e um inspirado Nando Cunha.

Misturando sátira de costumes, humor físico e situações típicas da comédia de erros, essa neochanchada procura fazer da gargalhada uma porta de entrada para discussões sobre o Brasil contemporâneo, em especial o tema da luta de classes. As relações entre patrões e empregados domésticos, a proliferação das apostas ilegais (muito além das temidas bets) e a vulnerabilidade de quem acredita em promessas

“O mais bacana aqui é o fato de humor entrar sem forçar graça. São dois personagens em situação cômica vivendo um drama”

ALEXANDRA RICHTER

de enriquecimento fácil aparecem como pano de fundo de uma narrativa que pretende divertir sem abrir mão de um olhar social.

“A tela grande tem um poder de imersão único”, diz Nelson Freitas. “Cada detalhe importa, da luz ao menor gesto do ator. É um trabalho extremamente exigente, mas que vale a pena justamente porque o resultado envolve completamente o espectador.”

“O mais bacana aqui é o fato de humor entrar sem forçar graça”, pontuou Alexandra, ao Correio, nas filmagens. “São dois personagens em situação cômica vivendo um drama”.

“Os Emergentes” se encaixa nas raías da neochanchada. O filão que lhe abraça, a tal da “nova chanchada”, ganhou esse nome em 2012, durante um acirrado

debate do diretor de TV Maurício Sherman (1931-2019), a cineasta Betse de Paula e o diretor e produtor Marcelo Lafitte (1963-2019), na Caixa Cultural, sobre a herança das comédias carnavalescas feitas no Brasil (com Oscarito, Grande Oтелo, Dercy Gonçalves, Zé Trindade) sobretudo entre 1934 e 1962. Eram narrativas com sequências musicais, pautadas por machinhas. Porém, o que havia de mais rico, entre os números de canto e dança, eram crônicas de costumes nas quais artesões do humor mediavam conflitos sempre vetorizados por dilemas socioeconômicos.

A partir do doce “Os Paqueras”, dirigido pelo ator Reginaldo Faria, em 1969, esse modelo de fazer rir regressa, agora sob o vetor da ditadura militar e da necessidade histórica de se gozar o prazer da liberdade sexual. O nome que adquire: pornochanchada. É um rótulo que vai mobilizar as telas do país por anos a fio, até 1985, quando incursões de David Cardoso ao reino do erotismo fecham a tampa de uma das mais populares expressões de nossa picardia. O paradigma do “chanchar” só volta a ser aberto em 2005, quando “Se Eu Fosse Você”, vende cerca de 3,5 milhões de ingressos.

Ali Daniel Filho estabelece a mirada que serve de tônus a Jennifer em “Os Emergentes”: as neuroses das classes sociais que se erguem a partir da primeira Era Lula (2003-2010) e das que despenham na pirâmide do consumo nesse mesmo período. Ninguém,

nas artes, além do cinema, voltou seu olhar para os fenômenos sociológicos de quem ascendeu das classes C, D e E, deixando para trás a pobreza do Plano Cruzado, dos Cruzados Novos, das URVs ou do princípio do Plano Real. Só a TV, posteriormente, com “Cheias de Charme”. Mas a telona o fez antes. Não por acaso, êxitos como “De Pernas Pro Ar” (2010) e “Até Que A Sorte Nos Separe” (2012) viraram franquias rentáveis cartografando sentimentos de personagens que se catapultaram aos olhos do mercado na gangorra cartesiana do “consumo; logo, existo”. Fenômeno recente, “Os Farofeiros 2” é a síntese desse princípio. Seus protagonistas são movidos pela pindaíba que podem assombrá-los, obrigados a curtir umas férias frustradas, em bando, para fugir de ruínas profissionais. Essa equação assegurou para o longa de Roberto Santucci, bem escrito por Paulo Cursino (o Midas da neochanchada) cerca de 1,5 milhão de espectadores.

Pratica-se a neochanchada também na Argentina, vide os sucessos de Adrián Suar (como “30 Noites Com a Minha Ex”, hoje na grade da plataforma Star +). A Espanha é rainha nessa linha cinematográfica, vide “Chavalas” (2021), de Carol Rodríguez Colás, e as produções do catalão Cesc Gay, como “Sentimental” (2020) e “Histórias Para Não Contar” (2022).

É a vez de sentir como a comichade de “Os Emergentes” resulta no gosto do público.



Mãos de justiceiro ou de carrasco?

Monólogo 'Absolvição', com Andriu Freitas, apresenta os dilemas de um homem que faz suas próprias leis ao executar abusadores

A figura do indivíduo que decide aplicar a lei por conta própria é um arquétipo recorrente na ficção, mas raramente é explorada com a densidade psicológica proposta em "Absolvição". O monólogo, que iniciou temporada no Teatro Poeira esta semana, ocupa o Teatro Poeira até o dia 26. A montagem traz o ator Andriu Freitas na pele de um homem comum que, movido por traumas do passado, assume a missão obsessiva de caçar abusadores.

Sob a direção de Daniel Herz, a peça evita o maniqueísmo tradicional do gênero suspense para focar nas engrenagens mentais de alguém que se coloca simultaneamente como juiz, júri e executor, questionando o que separa a busca por reparação do simples ato criminoso.

O texto é de autoria do dramaturgo irlandês Owen O'Neill, com tradução assinada por Diego Teza. Para construir a narrativa, O'Neill realizou um processo de imersão que incluiu entrevistas com diversos homens que sofrem

“O texto lança uma provocação ao público que inevitavelmente vai sair do teatro tomado por essas perguntas. Também provoca um estado contraditório e me parece que é disso que são feitos os bons textos”

DANIEL HERZ

ram abusos durante a infância. Esse lastro documental reflete-se na estrutura da peça, que utiliza saltos temporais para descascar as camadas de proteção do protagonista.

A dramaturgia não segue uma linha cronológica linear; ela mimetiza a fragmentação da memória traumática, revelando aos poucos os eventos que transformaram um cidadão comum em um vigilante. Existe na própria ideia de absolvição uma ambiguidade que remetendo tanto ao perdão espiritual buscado no confessionário quanto ao veredito de inocência em um tribunal. E é nesses dois espaços onde o personagem busca validação para suas ações.

Na montagem brasileira, Andriu Freitas assume o desafio de sustentar a tensão no palco, alternando entre a frieza do executor

e a vulnerabilidade da vítima que ainda habita o personagem.

Segundo o ator, a obra não entrega conclusões prontas. “Pelo contrário, ela instiga o público a pensar sobre as instituições que deveriam nos proteger, sobre a dor que molda nossas escolhas e sobre os limites da ética e da lei”, afirma Freitas. Essa provocação é o cerne da encenação, que coloca o público na posição de confidente de um homem cujas ações desafiam o contrato social básico da vida em sociedade.

A direção de Daniel Herz opta por uma estética que privilegia a plasticidade cênica sem desviar o foco da palavra. As movimentações no palco materializam as histórias narradas. Para o encenador, a força do espetáculo reside justamente na zona cinzenta em que o texto se equilibra. “O

texto lança uma provocação ao público que inevitavelmente vai sair do teatro tomado por essas perguntas. Também provoca um estado contraditório e me parece que é disso que são feitos os bons textos de teatro”, explica o diretor, revelando o propósito de não apenas contar uma história de crime, mas criar um ambiente de desconforto para nossos intelectuais e sentidos.

Internacionalmente, o texto de O'Neill já havia demonstrado sua força ao ser apresentado no Festival Fringe de Edimburgo, além de palcos em Nova York e Londres.

“Absolvição” recusa frontalmente noções simplistas de moralismo. Temos aqui um convite à análise num momento em que o debate sobre segurança pública e falhas institucionais está vivo nas pautas da sociedade brasilei-

ra. Ao expor as vísceras de um homem que se sente abandonado pelo sistema, a montagem questiona se a vingança pode, de fato, oferecer algum tipo de cura ou se ela apenas perpetua o estado de barbárie. Suas mãos são de justiceiro ou de carrasco? Embora cometa atos atrozes, o personagem o faz em nome de uma causa que muitos considerariam justa. Um curto-circuito ético é o que levamos para nossas casas após a encenação.

Sem recorrer a artifícios melodramáticos, a produção entrega uma experiência de suspense psicológico que faz do palco um tribunal informal, onde o público é convidado a exercer o papel de testemunha de uma tragédia humana que se repete silenciosamente lá fora, longe das paredes do teatro.

SERVIÇO ABSOLVIÇÃO

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 — Botafogo)
Até 26/8, terças e quartas-feiras (20h)
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Diante do diagnóstico de Alzheimer de sua mãe, o coreógrafo belga Éric Frédéric enfrentou a mesma jornada silenciosa que milhares de famílias vivem: o desaparecimento gradual das memórias, a reorganização dos papéis dentro de casa, a permanência do amor diante do esquecimento. Dezesete anos depois, ele transforma essa experiência em movimento. “Evanescência”, espetáculo que estreia neste fim de semana no Teatro TotalEnergies, é sua resposta artística a esse tipo de luto em vida, uma perda que não se completa.

O balé integra um triple bill que marca os cinco anos da Cia de Ballet Dalal Achcar. No palco, três bailarinos representam Florentine (a mãe), o próprio Frédéric e seu irmão Marc, traduzindo em movimento a progressão da doença e seus efeitos sobre quem permanece ao lado de quem esquece. A obra tem duração aproximada de 35 minutos e encerra a noite de apresentações.

Frédéric cresceu nos bas-



Fotos: Divulgação

Amazônica” (criado por Dalal Achcar em 1975 em parceria com Sir Frederick Ashton), apresenta o romance entre um homem branco e uma deusa indígena ao som da música de Heitor Villa-Lobos.

A Cia de Ballet Dalal Achcar é formada por 18 bailarinos e funciona como continuidade do trabalho de mais de cinco décadas da fundadora Dalal Achcar na dança e formação artística no país. A companhia combina rigor técnico com expressão artística, transitando entre o clássico e o contemporâneo. A triple bill, com duração total de aproximadamente 90 minutos (incluindo intervalo de 15 minutos), celebra esse percurso através de obras que representam diferentes momentos e linguagens.

SERVIÇO

TRIPLE BILL - MACABÉA, TARDE AZUL & EVANESCÊNCIA

Teatro TotalEnergies (Rua do Russel, 804, Glória)
De 10 a 12/7, sexta (20h),
sábado e domingo (17h)
Ingressos a partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Aquilo que se esvai

tidores da Ópera de Liège, na Bélgica, onde a mãe trabalhava e o incentivava a seguir a carreira artística. Ele próprio relata que só conseguiu chorar o luto após assistir ao primeiro ensaio completo da coreografia — 17 anos de processamento emocional condensados naquele momento. “A melhor maneira, para mim, de colocar um sentimento para fora é por meio da dança, da coreografia”, explica. A obra funciona como uma homenagem que parte de uma história íntima para alcançar públicos diversos, focando não apenas em quem vive com a doença, mas também nos cuidadores que sustentam laços de afeto e presença.

O programa completo da noite reúne outras duas coreografias que refletem a diversidade do repertório da companhia. “Macabéa”, assinada por Márcia Jaqueline, parte do romance homônimo de Clarice Lispector para refletir sobre invisibilidade social e indiferença nas relações humanas. O pas de deux “Tarde Azul”, extraído do balé “Floresta

‘Evanescência’, coreografia inédita de Éric Frédéric, integra triple bill que marca cinco anos da Cia de Ballet Dalal Achcar



SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

A louvação ao padim do asfalto (ou a teologia da mão estendida)

Terça-feira, 7 de julho, a Lapa atravessou o dia com mais gente do que de costume.

Foi o Dia de Zé Pelintra - sétimo dia do sétimo mês, número que na umbanda não é um mero acaso. Aos pés dos Arcos, no santuário que leva o nome dele, os devotos foram chegando com velas, cerveja, cigarros e aquele cumprimento que só o carioca sabe dar: chapéu de lado, sorriso esperto e uma reverência que vale por uma reza.

Fiquei ali um tempo, olhando. E me veio uma certeza meio teimosa.

Ainda hei de ver, no Rio, uma romaria para Seu Zé do tamanho da que sobe a Colina do Horto atrás do Padre Cícero. Juazeiro do Norte, no Cariri, é hoje o segundo maior destino de romeiros do Brasil - só perde para Aparecida. São mais de dois milhões de pessoas por ano atravessando o sertão para tocar no túmulo de um padre que a própria Igreja passou um século sem querer. Reparem na simetria. Padre Cícero morreu num vinte de julho e virou santo sem licença de Roma. Zé Pelintra nunca precisou de licença de ninguém. Um é o padim do sertão; o outro, digamos assim, é o padim do asfalto. A mesma fé teimosa, feita pelo povo, à revelia de quem manda.

E não é acaso que os dois venham do mesmo chão. Zé Pelintra nasceu no Catimbó, na Jurema do sertão nordestino, antes de descer para a boemia da Lapa e trocar a caatinga pelo

botequim. Padre Cícero fez o caminho de dentro: ficou no Cariri e puxou o sertão inteiro para perto. Um desceu, o outro ficou. Os dois viraram guia de quem não tinha para onde ir.

Só que sobre Seu Zé pesa um mal-entendido antigo.

Durante décadas, empurraram a malandragem para o lado de lá - a da contravenção, do sujeito que leva vantagem. Uma caricatura conveniente. Deu samba, deu novela, deu manchete. Mas não deu conta do essencial.

Porque o malandro de verdade - o que Seu Zé representa - é outro. É o que empresta o trocado no fim do mês. O que escuta o aflito no balcão do bar às três da manhã. O que arruma um bico pro rapaz que saiu da cadeia e ninguém quis. O que chega de fininho e diz "deixa comigo" quando todo mundo já virou as costas. Malandragem, no fundo, é uma teologia da mão estendida.

Antonio Candido percebeu isso quando escreveu sobre o malandro como um dos personagens que o Brasil inventou para si - não o herói de espada, mas o que sobrevive pela ginga e, no melhor dos casos, protege os seus. Chico Buarque fez ópera com ele. Itamar Assumpção botou Zé Pelintra pra dançar no meio do povo. Faltou dizer, com todas as letras, a parte religiosa: ser bom malandro é ser solidário. É ser amigo. É não evitar que o outro caia.

Isso quase ninguém conta. E é preciso contar. Ele contou pra



Imagem gerada com a IA GPP Image 2

Talvez a fé
mais honesta
que restou
nesta cidade
seja essa - a que
não promete
o céu, mas
garante que,
aqui embaixo,
você não vai ficar
desamparado

mim. E eu divido com vocês. Saí do santuário pensando que talvez a fé mais honesta que restou nesta cidade seja essa - a que não promete o céu, mas garante que, aqui embaixo, você não vai ficar desamparado. Se um dia a romaria acontecer, e eu ainda hei de ver, não vai ser pela santidade de Seu Zé. Vai ser porque, num país que aprendeu a virar as costas com elegância, sobrou um enriedade de terno branco e chapéu panamá disposta a estender a mão a quem tropeça. E isso, pode acreditar, é o verdadeiro significado do que é sagrado. Salve a Malandragem!